

## O sefaradita de Amós Oz em *A caixa preta*

El sefaradí en *A caixa preta* de Amós Oz

Gabriel Steinberg \*

**Resumo:** Este texto aborda por meio da ficção, a questão do confronto entre judeus sefaraditas e orientais e a elite asquenazita hegemônica pela redefinição da identidade nacional no Estado de Israel. Esse confronto é representado pelos personagens de Michael Sommo, o judeu argelino e Alex Guideon, filho de pioneiros da Europa Oriental, duas das figuras centrais da trama do romance *A caixa preta*, publicado por Amós Oz em 1987.

**Palavras-chave:** Sionismo. Sefaradita. Literatura israelense.

**Resumen:** Este texto aborda por médio de la ficción, la cuestión del enfrentamiento entre judíos sefaradies y orientales y la élite ashkenazi hegemónica por la definición de la identidad nacional del Estado de Israel. Este enfrentamiento es representado por los personajes de Michael Sommo, un judío argelino y Alex Guideon, hijo de pioneros de Europa Oriental, dos de las figuras centrales en la trama del romance *A caixa preta* (La caja negra), publicado por Amós Oz en 1987.

**Palabras clave:** Sionismo. Sefaradí. Literatura israelí.

Um dos maiores representantes da literatura israelense contemporânea que, por meio da ficção, se propõe a entender e analisar os conflitos que se travam no seio da sociedade israelense é Amós Oz. Seu romance *A caixa preta*,<sup>1</sup> descreve um aspecto do embate ideológico, que mostra a desestruturação, no Israel contemporâneo, de uma família asquenazita<sup>2</sup> bem estabelecida, que acaba acolhendo um membro da comunidade judaica sefaradita<sup>3</sup> ou oriental<sup>4</sup> como era muitas vezes chamada em Israel, o que acelera o sepultamento de uma era cujo tempo de glória e de superioridade acabou.

Um dos principais personagens do livro é o sefaradita Michael Sommo, possuidor de convicção religiosa e idéias direitistas sobre o "Grande Israel",<sup>5</sup> que vem definitivamente desbançar a figura todo poderosa do outro grande personagem principal do livro, o intelectual bem sucedido Alex Guideon que, além dessa condição, é simpatizante da esquerda política israelense. Guideon serviu no exército e se tornou um pensador da esquerda, alcançando reconhecimento internacional, porém foi ao exterior, abandonou Israel, deixou o país nas mãos dos direitistas. Guideon, é um herói de guerra, forte, instruído, em total oposição a Michael Sommo, não herói, não asquenazita, não rico, não alto, e sem nenhum prestígio intelectual.

Amós Oz, neste livro publicado em 1987, volta no tempo. A trama ocorre em 1976, antes, portanto, da grande virada política de 1977, quando a direita alcançou o poder, deslocando da primeira linha os trabalhistas que foram sempre apoiados pela elite asquenazita.

*A caixa preta* anuncia o que viria a acontecer nas décadas de 1980 e 1990, quando o período heróico dos *sabras*<sup>6</sup> de ascendência europeia começou a esgotar-se. Os pioneiros,<sup>7</sup> que sonharam em criar uma sociedade laica e pluralista, depararam-se com a ascensão social e política de uma nova força que demorou em perceber seu próprio poder. Esta nova força era integrada pelas comunidades sefaraditas e orientais, imigradas dos países árabes do Oriente Médio, da costa do Mediterrâneo e do norte da África. Sua forma de pensamento e estilo de vida diferem completamente da antiga elite asquenazita. A preponderância secularista começou a ser questionada por uma visão de mundo centrada nas fontes judaicas religiosas. Considerando-se guiados pelas escrituras sagradas, os sefaraditas foram penetrando na política, tomando em suas mãos decisões cruciais para o futuro nacional.<sup>8</sup>

A liderança sionista, em *A caixa preta*, foi perdida das mãos da elite asquenazita para ser alcançada pelo grupo sefaradita que se encontra em franca ascensão social. No contexto da ficção, o ilustre intelectual Alex Guideon agoniza e é sucedido por um judeu sefaradita. Michael Sommo é um indivíduo religioso, nacionalista, que acredita na expansão territorial como um fundamento essencial para o futuro do país.

A hegemonia da elite asquenazita é posta em jogo no livro por Michael Sommo, judeu argelino que, quando morou na França em sua juventude, trabalhou como garçom, e, ali, as pessoas o consideravam um árabe e o chamavam Ahmed. Por esse motivo, decidiu imigrar para Israel, cheio de esperanças e idealismo. Mas a pátria judaica também lhe foi hostil. Ex-estudante da Sorbonne de Paris, teve que aceitar o trabalho de pedreiro, sentindo-se em seu próprio país, um indivíduo marginalizado.

Esses dois personagens, Michael Sommo e Alex Guideon, representam as forças que se defrontam dentro de Israel: Alex, o asquenazita, membro da elite cultural, militar e política, versus Michael Sommo, o sefaradita, considerado por Alex e seus semelhantes como culturalmente inferior e atrasado.

As relações no livro entre Sommo e Alex são representativas das relações étnicas e políticas entre a direita e a esquerda. A esquerda, no livro, encontra-se em baixa. Israel, a terra dos idealistas está afundando e, em seu lugar, surge uma nova força, a força do judaísmo mediterrâneo que acredita no grande Israel e que está preparando-se para substituir o Israel anterior. Como afirma Gershon Shaked: “Aquele foi condenado à morte, mas este novo à vida”.<sup>9</sup> Michael Sommo casa-se com Ilana, a esposa que fora rejeitada por Alex Guideon, como uma tentativa de ascender socialmente. Ilana é asquenazita e, ao casar com ela, Sommo quebrou as barreiras e entrou num campo perigoso que gente como ele naquele momento e circunstâncias, não teria coragem de ultrapassar.

Lentamente na trama, o humilde professor Sommo começa a transformar-se ao perceber a possibilidade de receber uma ajuda financeira do ex-marido de sua esposa. Assim, o dinheiro corrompe Sommo, pois ele abandona sua carreira de professor, e usa o dinheiro de Alex para reformar sua casa e sua vida. Ingressa num movimento da direita nacionalista militante, por meio do qual passa a dedicar-se à compra de terras nos territórios, que ele e os que comungam com ele chamam de “Grande Israel”. Paralelamente, planeja levar sua família para morar dentro do bairro judaico na cidade velha de Jerusalém. Michael Sommo, o novo esposo de Ilana, que fora abandonada por Alex Guideon, salva Boaz de todos os problemas nos quais ele se mete, mas, em compensação, quer obrigá-lo a educar-se numa escola religiosa em Kiryat Arba, um assentamento judaico dentro dos territórios ocupados. Boaz, representante da nova geração, não aceita este marco que Sommo quer lhe impor.

Sommo, no romance, é o fundamentalista que acredita num novo futuro inspirado no passado e, para isso, ele precisa acabar com o presente que lhe desagrada e do qual sente não fazer parte. Michael Sommo é uma figura antagônica frente a Alex, tanto por causa de seu aspecto físico, como por causa de sua ocupação e sua ideologia. Sommo é um imigrante, que precisa buscar seu caminho na nova sociedade israelense, mas no lugar de aprofundar-se nos estudos da língua francesa, ele escolhe o caminho mais fácil e seguro, o da militância política na direita e, desta maneira, ele reelabora sua visão acerca do sionismo.

Sommo atua para salvar o presente israelense, pois de sua ação, assim ele acredita, depende a salvação futura do país, já que, na concepção da qual participa, o Messias somente virá para redimir Israel quando seu povo entender que isso acontecerá quando todos seguirem a lei religiosa e o judaísmo normativo à risca.

Alex, o oposto de Michael, não entende a frustração social que Sommo sente pela adaptação que os

judeus de seu grupo social sofreram no novo país onde coube a eles fazer os trabalhos de base ou, nas palavras de Sommo, “o trabalho escravo”. Sommo alcançou uma ascensão social, ele casou-se com Ilana, a judia de origem européia, asquenazita, alta e bonita. Ele a rodeou com seu calor e salvou-a da autodestruição quando Alex a rejeitou.

Ilana o admira no início, porém ela começa a ficar assustada com a velocidade com que Sommo deixou corromper-se pelo dinheiro de Alex. Ele usa inicialmente este dinheiro para o que acha ser legítimo, não especificamente para ele, mas para o bem da nação, situação que se altera no decorrer da narrativa. No final do romance, Ilana o abandona para ir cuidar de Alex que está prestes a morrer. Mas este ato é interpretado por Sommo como um castigo pelo fato dele ter quebrado uma norma social, e por ter casado com alguém que estava acima de seu padrão social e, além de tudo, fora de sua comunidade étnica. A vingança de Sommo somente se realizará com a redenção territorial e com a ascensão política daqueles que compartilham de suas idéias.

Boaz, o filho de Ilana e de Alex Guideon, a quem Sommo quer cooptar, não se liga a grandes projetos ideológicos. Ele é um rebelde que não deseja ser enquadrado sob nenhum tipo de marco social, a quem interessa o imediato, o cotidiano. Ele não quer aproximar-se dos grandes conflitos nacionais, pois o que lhe interessa é a vida simples ligada à natureza. Ele quer resgatar uma vida modesta e tranqüila, sem nenhuma discussão política e sem enfrentamentos.

A concepção sionista de Boaz é diferente da concepção de Sommo. Ele quer melhorar e se enraizar naquele território que fora desbravado pelos pioneiros, categoria a que pertencem seu avô, pai de Alex, enquanto que Sommo não se contenta com as conquistas dos pioneiros que foram em sua grande maioria imigrantes da Europa Oriental. Sommo quer dar uma nova ressignificação à empreitada sionista.

O avanço sobre o campo político dos sefaradim e dos orientais foi mais efetivo do que a luta empreendida pela sua integração no seio da sociedade israelense. A luta política levou os discriminados, os marginalizados, para o centro do cenário político e, a partir desse momento, o caminho abriu-se em direção à tomada de decisões no relativo à política social e econômica. é esse o processo que Amós Oz descreve em *A caixa preta* onde Michael Sommo, cansado da vida simples e à margem à qual foi confinado, aproveita-se da decadência do modelo político trabalhista e encontra as brechas que lhe permitem a ascensão política e econômica.

Ao contrário dos regimes totalitários onde se pretende impor pela força um único modelo de identidade, numa sociedade aberta e democrática como a israelense, não há como impor um único modelo de identidade coletiva, pois ela carece de sentido para o total da sociedade. Esse problema surgiu em Israel devido à forma em que se pretendeu moldar a nova identidade de um povo que renascia como uma entidade livre em sua própria terra. Com a criação do estado, negou-se o passado recente e humilhante do povo e valorizou-se o passado mais remoto imbuído de glória e de orgulho. Criou-se no país a imposição de um modelo dominante que negava totalmente o passado cultural dos imigrantes sefaraditas. Esse modelo cultural que se tentou impor a todos era essencialmente eurocêntrico, e todos aqueles que se integravam à nova sociedade tinham que aceitá-lo. Os indivíduos deviam esquecer seu passado e suas experiências pessoais e contribuir para moldar uma nova identidade, uma nova memória coletiva caracterizada por ser secularista, moderna, democrática e ocidental. Dentro desse modelo de sociedade israelense não cabiam o pluralismo ou os conteúdos culturais de comunidade particulares específicas. Em nome da unidade coletiva, cada indivíduo devia renunciar às diferenças e procurar os pontos que o poderiam assemelhar ao coletivo judaico. Assim, a lealdade à nova cultura se dava como algo subentendido.<sup>10</sup>

Os imigrantes sefaraditas e orientais foram colocados diante de fortes dilemas: deviam desfazer-se de

todas as marcas culturais que traziam e demonstrar lealdade a uma memória e a uma identidade que não era a deles. Se insistissem em manter uma ligação com seus marcos étnicos e culturais, corriam o perigo de ficar fora dos marcos sociais e políticos considerados modernos que vigoravam no país até a década de 1970.

Mas essa negação acabou despertando a revolta no seio destes imigrantes e este é um dos eixos centrais na narrativa de Amós Oz por meio do personagem de Michael Sommo que demonstra, em *A caixa preta*, o fracasso do modelo de identidade que o país quis lhes impor. A revolta dos imigrantes sefardim e orientais foi extravasada de duas formas: ou pelo incitamento à desobediência às leis ou pelo oportunismo político, ou seja, a ascensão política de líderes representativos das comunidades étnicas específicas. Em *A caixa preta*, o personagem Michael Sommo vale-se de todos os meios a sua disposição para balançar o modelo de poder da liderança trabalhista secularista, insinuando novos tempos para os marginalizados na periferia social e política. Os sefardim criaram uma alternativa contra o modelo hegemônico. A marginalização política e socioeconômica despertou neles o sentimento de pertinência étnica.<sup>11</sup> A caixa preta nos remete para esta questão: o que aconteceu em Israel na década de 1970. Oz, nas entrelinhas, se refere, é claro, às conseqüências que se consubstanciaram na década de 1980, o que aconteceu com o sacrifício pessoal em prol dos outros, o que aconteceu, pois, com o milagre da redenção da terra de Israel e com a abnegação de milhares de pessoas que lutaram contra todas as adversidades climáticas e pessoais e deram suas vidas pela salvação de todo o povo judeu. O que aconteceu com o idealismo dos pioneiros?

*A caixa preta* é um livro quase profético que prevê com pessimismo e amargor, o fim, pelo menos aparente, do sionismo secular e o avanço da teocracia em Israel e, ainda, o avanço da religião das comunidades oriundas dos países árabes e, por conseguinte, a decadência de parte da obra de criação do judaísmo asquenazita no país, e a rejeição do kibutz como um modelo corrompido e superado, assim como, também, das aldeias dos pioneiros que chegaram da Europa Oriental em sua grande maioria.

Toda a experiência de Michael Sommo sinaliza para um novo período: o período da alternativa sefardita e oriental do sionismo. Michael Sommo ousou quebrar a barreira social que lhe foi implicitamente imposta pela elite e penetrou no seu mundo. Casou-se com uma mulher que não fazia parte de seu círculo social e étnico, e, quando a oportunidade apareceu na figura de Alex Guideon, Sommo a pegou para poder sair da marginalidade. Mostrou que não era o antigo Ahmed insignificante de Paris, nem a figura invisível para a maioria da sociedade israelense. Se se esperava dele que se contentasse com o que tinha em termos profissionais e econômicos, ele mostrou que tinha uma ambição pessoal que superava a idéia que a elite asquenazita fazia dele e dos do seu grupo. Michael Sommo atua no cenário social com o objetivo de desmontar o retrato uniforme. Michael Sommo apareceu para mostrar o outro lado de Israel, a face oculta do país, o outro lado da moeda, não apenas deixou escapar para fora os conflitos e defeitos, deixou transparecer as injustiças sociais e étnicas presentes no país desde sua fundação, e que foram mascaradas em nome do sonho sionista da redenção.

Em Israel, na década de 1970, judeus marroquinos e argelinos vivendo há vinte anos no país, ainda declaravam ser franceses e falavam publicamente em francês, jamais em árabe. Na época, ser um imigrante de algum país norte-africano, asiático, ou árabe, era motivo de vergonha e também de zombaria e alvo de humilhações.

Michael Sommo é uma caricatura do fanático religioso que, como muitos de seus correligionários vindos do mundo árabe, encontrou ao imigrar para Israel apenas empregos de baixa remuneração. Suas cartas no livro são sempre repletas de citações bíblicas. Michael Sommo transfere a Deus todas as responsabilidades por seus atos e idéias e, assim, ele age a serviço das instâncias superiores. Michael

Sommo vai tirar de Alex Guideon grandes somas de dinheiro de sua herança para investi-lo nos seus sonhos políticos e religiosos e, desta maneira, Sommo acha que leva Guideon a redimir-se da suposta culpa que os asquenazim deveriam sentir pelas frustrações dos judeus orientais, Michael Sommo está convencido de que mediante o dinheiro, Alex Guideon poderá redimir-se de seus pecados com sua família e com o país que ele abandonou para denegrir sua imagem a partir do exterior.

Michael Sommo não quer mais sua vida insignificante e a humilhação que ele sente e vivencia no início de *A caixa preta*. Ele quer ascender socialmente e livrar-se dos supostos preconceitos que o atingem e que, para ele, são bem reais e marcantes. Mas Michael Sommo quer também mudar a essência do país que o acolheu. Sommo, estereotipado por Amós Oz, representa a nova força política em Israel, a direita militante.

Ele é movido por forças que cobrou devido à rejeição social e étnica que sofreu em sua nova pátria. Também rejeita os árabes porque o perseguiram e o oprimiram em seu país natal. Em sua militância política, encontra a vazão para suas frustrações de todos os tipos. Paciente, Michael Sommo tenta convencer Boaz, o filho de Ilana e Alex Guideon, a ingressar no movimento nacionalista e o incentiva em suas cartas repletas de citações bíblicas, a voltar às origens e até lhe arruma um lugar para viver e trabalhar em Kiryat Arba, assentamento judaico adjacente a Hebron, e centro da militância do movimento ultranacionalista Gush Emunim. Mas Boaz, depois de ter passado um período no local, rejeita completamente esse caminho.

A figura de Michael Sommo serve a Amós Oz para dar vida ao sentimento de inferioridade, ao ressentimento que se desenvolveu entre os judeus oriundos dos países árabes que acumulou-se durante as três primeiras décadas do estado. São duras e amargas as queixas de Michael Sommo em suas cartas a Guideon que é, no livro, um representante estereotipado do judaísmo asquenazita.

Uma faceta deste ressentimento é transferida para o papel que cada um dos dois rivais, políticos e no plano afetivo, teve com relação aos árabes. Alex é retratado por Sommo como um defensor dos árabes, como alguém que lutou e derramou muito sangue nas várias guerras e ele, Michael Sommo que jamais tirou a vida de qualquer pessoa, é visto em Israel como um fanático extremado. Sommo queixa-se de ter sido marginalizado do processo de construção do país e na sua tentativa de ascender social e politicamente.

O judeu norte-africano e o oriundo dos outros países árabes, no imaginário popular, veio para destruir de forma direta a sociedade pioneira que decidiu tirá-lo de seu país de origem e absorvê-lo na nova pátria do povo judeu. Mas, em lugar de permanecer nas cidades em desenvolvimento,<sup>12</sup> algumas determinadas para eles, muitos deles ousaram sair desses lugares na periferia social e política, para ingressar nos centros de poder, souberam aproveitar-se da crise das elites asquenazitas e galgaram a posições relevantes no campo social e econômico. Amós Oz, em *A caixa preta*, transmite uma sensação amargurada da decadência e fim do Israel desenvolvido e elevado culturalmente, sendo sobrepujado pelo avanço de uma nova força social.

A atividade política proporciona a Michael Sommo ascensão social, ele ligou-se a judeus ricos e influentes na França que contribuíam para sua agremiação política em Israel, o *Achdut Israel* (União de Israel). Ele sabe que o professor Alex Guideon representa as conquistas inegáveis do passado, mas também pensa que ele, Michael, representa o futuro do país. Com a ajuda financeira que consegue tirar de Alex Guideon, ele abandona sua casa simples em Jerusalém na rua Tarnaz. Este nome é a abreviatura hebraica do número 1897, ou seja, o ano em que Theodor Herzl convocou o 1º Congresso Sionista Mundial. Michael Sommo reforma agora sua nova casa, dentro do bairro judaico da cidade antiga de Jerusalém. O fiel da balança passa então do sionismo secularista nascido ainda na Europa, o sionismo de Herzl, para o novo sionismo, representado pelo fundamentalismo religioso judaico

configurado na posse da cidade de Jerusalém. É o cavalo que conduz a carruagem sionista que muda de comando. No lugar do cavalo branco e refinado de origem russa, toma o lugar na condução da empreitada sionista, um novo corcel, um corcel negro de origem norte-africana.<sup>13</sup>

Por outro lado, podemos reparar no romance que Israel se encaminha para o combate entre o judaísmo normativo e o judaísmo que privilegia, acima de tudo, o lado pluralista e humanista. O judaísmo secularista sionista criou uma nova sociedade com novos valores, novas expectativas, novas experiências humanas, novos relacionamentos e descobertas. O povo judeu encontra-se em *A caixa preta* numa luta intensa consigo mesmo mais do que com seus inimigos externos. Enquanto a elite se digladiava com seus problemas, os grupos mantidos à margem até então estão aparentemente unidos e se valem da fraqueza daqueles para ascender no cenário social e político.

Nesse livro, assim como nos outros de sua autoria, Oz não silencia aqueles com os quais ideologicamente não se identifica e que, por sua vez, o combatem. Oz preocupa-se em dar voz à totalidade da sociedade israelense, a todas as correntes ideológicas, religiosas e políticas para mostrar a singularidade desta sociedade que, com todos seus defeitos, conseguiu moldar um país.

No futuro próximo, Oz prevê que deva ocorrer o combate entre Sommo e Boaz para lutar pela liderança da nação. Dessa luta entre as duas forças vai depender a identidade que terá o Estado judeu. O futuro está indefinido, mas Oz faz um alerta diante do iminente enfrentamento social e político que poderá ocorrer nas décadas seguintes à trama de *A caixa preta*.

Boaz, que segundo Oz representa o futuro do país, assim como muitos outros israelenses, quer viver e não morrer por algo que, segundo ele, não vale a pena, por mais santificada que seja a causa para alguns. O rapaz tem sua própria filosofia de vida. Como o país está atravessando um período de crise, é necessário colaborar, é preciso deixar de lado todas as guerras e enfrentamentos internos e, simplesmente, começar a viver. Trabalhar durante o dia e divertir-se como todo o mundo, à noite. No lugar de discutir e matar e morrer o tempo todo, num país onde tudo é motivo para altas discussões, simplesmente viver. Boaz acredita numa paz possível entre árabes e israelenses, como a única solução cabível para por um fim a décadas e mais décadas de lutas e derramamento de sangue.

No final do romance Alex Guideon agoniza, mas Michael Sommo, seu “discípulo” e sucessor na empreitada sionista, ainda tem tempo para rever seu fanatismo, é o que o livro nos sugere. Boaz, filho de Alex, tenta mostrar isso a Michael ao convidá-lo a integrar-se à sua comunidade agrícola que foi formar em Zichron Yaacov,<sup>14</sup> terras em que outrora os pioneiros iniciaram a consolidação do estado dos judeus. Se aprender com as lições de seu antecessor, ou seja, com Alex Guideon e sua geração e com seus desacertos, será capaz de impedir que a nação acabe num beco sem saída, dominada pelo conflito inter-judaico e pelo fanatismo religioso.

Para Amós Oz, somente o processo de paz será capaz de desarmar as duas partes, os secularistas e os religiosos e permitir que uma corrente olhe para a outra com menos desconfiança, e uma vez que a paz seja um bem de todos, e não apenas dos secularistas, com o passar do tempo, as fontes judaicas poderão voltar a ser patrimônio de todo o povo de Israel, e os secularistas voltarão a valorizar os princípios espirituais do judaísmo. A religião poderá livrar-se das amarras que lhe foram colocadas, o processo de paz devolverá ao povo judeu em Israel uma autêntica identidade.

-----

\* **Gabriel Steinberg** é Doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo.

## Notas

<sup>1</sup> Romance publicado em Israel em 1987, sob o título original: *Kufsá Shchorá*. Versão em português de 1995. O romance é formado por 51 cartas e 56 telegramas que os protagonistas trocam entre si. A trama toda ocorre em 1976, durante nove meses.

<sup>2</sup> Asquenazita (Asquenaz, Alemanha): termo que designa os judeus originários da Alemanha e por extensão, os judeus oriundos da Europa Central e Oriental.

<sup>3</sup> Sefaradita (Sefarad – Espanha) – Designa os judeus originários da Espanha e por extensão, os que se espalharam por várias regiões próximas ao Mar Mediterrâneo após o Edito de Expulsão dos judeus da Espanha de 1492.

<sup>4</sup> Orientais: denominação dada aos judeus oriundos dos países árabes e islâmicos da Ásia e do Norte da África. Tinha uma conotação negativa e pejorativa durante as três primeiras décadas da criação do Estado de Israel. <sup>5</sup> Por “Grande Israel”, entende-se o território de Israel no auge do período bíblico à época do rei David. Atualmente compreende o território de Israel reconhecido pela ONU mais a Judéia e Samária (Cisjordânia), território em disputa desde a Guerra dos Seis Dias de 1967.

<sup>6</sup> Sabra: nome de um cacto israelense, que cresce no deserto. Por extensão: denominação dada aos nativos de Israel, especialmente os jovens.

<sup>7</sup> Pioneiros: termo que se refere aos judeus que imbuídos por forte convicção ideológica, abandonaram a Europa e chegaram à Terra de Israel em diferentes ondas imigratórias denominadas *aliot*.

<sup>8</sup> BENIAMINOV, 1994, p. 61–62.

<sup>9</sup> SHAKED, 1993, p. 126.

<sup>10</sup> O desafio do sionismo do ponto de vista social implicava um processo de imigração, um novo assentamento na terra de Israel de um povo majoritariamente europeu. Para isso, era necessário transformá-lo num povo médio-oriental. O sionismo surgiu com a intenção de converter um povo eminentemente diaspórico num povo com base territorial, dando a ele soberania em sua terra ancestral. Assim como em outras sociedades revolucionárias, o movimento sionista acreditava no surgimento de um novo homem, um judeu que fosse diferente de seus pais em sua forma de vida e em todos os atos que regiam a sua conduta e seu pensamento. A geração dos fundadores do Estado de Israel tomou consciência da necessidade de provocar uma revolução na vida nacional sem a qual não seria possível o renascimento apregoado. Para Bauman, essa necessidade de criar um novo homem foi típica da sociedade moderna não apenas na sociedade sionista. A esse respeito ele afirma: Os Estados nacionais promovem o ‘nativismo’ e constroem seus súditos como ‘nativos’. Eles louvam e impõem a homogeneidade étnica, religiosa, lingüística e cultural. Desenvolvem uma propaganda incessante de atitudes coletivas. Constroem memórias históricas conjuntas e fazem o máximo para desacreditar ou suprimir teimosas lembranças que não podem ser comprimidas dentro da tradição coletiva - agora redefinida, nos termos quase legais próprios do Estado, como ‘nossa herança comum’. Pregam o senso comum, de destino comum. Alimentam ou pelo menos legitimam e dão apoio tático à animosidade para com todos que se colocam de fora da sagrada união... A homogeneidade imposta pelo Estado é a prática da ideologia nacionalista. (BAUMAN, 1999, p. 74-75)

<sup>11</sup> A realidade mostrou tanto em Israel como em outras experiências nacionalistas, que o Estado não pode moldar pela força o caráter de sua população tornando-a perfeitamente homogênea. Bauman refuta o caminho seguido pelo Estado nacional e diz: A questão, porém, é que nenhuma tentativa de assimilar, transformar, aculturar ou absorver a heterogeneidade étnica, religiosa, lingüística, cultural, e dissolvê-la no corpo homogêneo da nação teve ou poderia ter de fato um sucesso incondicional. O mais comum é que a mistura fosse um mito, um projeto fracassado. Os estranhos recusaram-se a serem divididos claramente em ‘nós’ e ‘eles’, amigos e inimigos. Teimosa e irritantemente, eles permaneciam indeterminados... O assalto direto contra os estranhos tinha de ser desde o início ajudado, reforçado e suplementado por um vasto conjunto de técnicas que visava tornar possível a coabitação em longo prazo, talvez permanente, com estranhos. (p. 74-75)

<sup>12</sup> Cidades em desenvolvimento: pequenas cidades erguidas pelo Estado nas periferias do país. Receberam poucos investimentos estatais e grande concentração de população de igual “origem

étnica". Com o passar do tempo tornaram-se sinônimo de povoados pobres e atrasados cultural e economicamente.

<sup>13</sup> BENIAMINOV, 1994, p. 70.

<sup>14</sup> Zichron Yaacov: um dos primeiros povoados fundados na Terra de Israel por um grupo de aproximadamente 100 pioneiros que chegaram da Romênia em 1882, durante a 1ª Aliá. Localiza-se ao Noroeste de Israel perto do Mar Mediterrâneo.

## Referências

BALABAN, Avraham. *Al ayessod hanashi veayessod hagavri shebanefesh: yiun bekufsa shhora le Amós Oz* (Sobre a base feminina e a base masculina da alma: uma leitura de *A caixa preta* de Amós Oz). *Aley Siach*, n. 26, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BEN DOV, Nitza. *Isurim em al pi nosach veaosher hu kli dak venadir* (O sofrimento é uma norma, a felicidade é um utensílio fino e raro). *Iton 77*, n. 87, 1987.

BENIAMINOV, Israel. *Bishvylei hassiporet: Iun ukrya bessiporet ivrit uvessiporet haamym* (Nas trilhas da ficção: reflexão e leitura da literatura hebraica e da literatura de outros povos. Tel Aviv: ORT Israel, 1994.

DANA, Rachel. *Bizchut Amós Oz vehakufsa ashhora* (Pelo mérito de Amós Oz e da *Caixa preta*) *Iton 77*, n. 87, 1987.

GUERTZ, Nurit. *Amós Oz: monografia*. Tel Aviv: Sifriat Poalim, 1980.

OREN, Yossef. *Lefaaneach asson tzafui* (Desvendar uma tragédia esperada). *Iton 77*, n. 96-97, 1988.

OREN, Yossef. *Hatzionut vehassifrut: bein hiuv leshlila* (O sionismo e a literatura: entre o positivo e o negativo). *Davar*, 1988.

OZ, Amós. *A caixa preta*. Trad. Nancy Rozenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SHAKED, Gershon. *Sifrut az kan veachshav* (Literatura então, aqui e agora). Tel Aviv: Zmora Bytan, 1993.